

O IMPACTO DA PANDEMIA SOBRE A PRODUÇÃO DE ARTE POPULAR NA ILHA DO FERRO – AL

Dirceu Ribeiro **DIAS**

Licenciatura em Geografia na UNEAL, Campus V

E-mail: dirceu@alunos.uneal.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3308-9852>

Jairo José Campos da **COSTA**

Professor efetivo da UNEAL, Campus V

E-mail: jairo.potiguar@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3618-334X>

Clélio Cristiano dos **SANTOS**

Professor adjunto da UNEAL, Campus V

E-mail: clelio.santos@uneal.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3554-4115>

Recebido

Junho de 2023

Aceito

Junho de 2023

Publicado

Março de 2024

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar um debate sobre o impacto da pandemia da Covid-19, na perspectiva dos artesãos, sobre a arte popular da Ilha do Ferro, Pão de Açúcar/AL. A pandemia desencadeou uma série de consequências sobre esta comunidade, que tem como principal fonte de renda a produção de arte popular e o turismo. Todavia, apesar dos fortes impactos vivenciados, a força e a garra dos ribeirinhos restabeleceram o fazer artístico no povoado tradicional.

Palavras-Chave: arte popular; Ilha do Ferro; pandemia da Covid-19.

THE IMPACT OF THE PANDEMIC ON POPULAR ART PRODUCTION ON ILHA DO FERRO – AL

Abstract: This article aims to hold a debate on the impact of the Covid-19 pandemic, from the perspective of artisans, on the popular art of Ilha do Ferro, Pão de Açúcar/AL. The pandemic triggered a series of consequences for this community, whose main source of income is the production of popular art and tourism. However, despite the strong impacts experienced, the strength and determination of the riverside people re-established artistic work in the traditional Community.

Keywords: popular art; Ilha do Ferro; Covid-19 pandemic.

EL IMPACTO DE LA PANDEMIA EN LA PRODUCCIÓN DE ARTE POPULAR EN LA ILHA DO FERRO – AL

Resumen: Este artículo tiene como objetivo realizar un debate sobre el impacto de la pandemia de Covid-19, en la perspectiva de los artesanos, en el arte popular de Ilha do Ferro, Pão de Açúcar/AL. La pandemia desencadenó una serie de consecuencias para esta comunidad, cuya principal fuente de ingresos es la producción de arte popular y el turismo. Sin embargo, a pesar de los fuertes impactos vividos, la fuerza y determinación de los ribereños restablecieron el trabajo artístico en el pueblo tradicional.

Palabras Clave: arte popular; Ilha do Ferro; pandemia de COVID-19.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 desencadeou diversas transformações na organização da sociedade e nas condições de sobrevivência, sobretudo durante o período de maior contaminação, levando as pessoas ao distanciamento social, interferindo diretamente nas relações de trabalho e conseqüentemente na economia, incluindo pequenas comunidades onde se externaram, com mais contundência, as desigualdades sociais.

Com início na China no final de 2019, a pandemia chega ao Brasil no início de 2020, e com a falta de políticas públicas no combate à disseminação, alastrou-se rapidamente para todos os estados e municípios, paralisando todas as atividades que requeriam aglomeração de pessoas e em alguns casos, levando alguns estados e cidades ao *lookdown*.

Em 13 de abril de 2021, o Brasil registrava 3.357 mortes nas últimas 24h, segundo dados do Brazil (2022), quadro que levava a paralisação até mesmo nas pequenas comunidades, dada a facilidade na transmissão do vírus.

No município de Pão de Açúcar, especificamente, o primeiro caso foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, agravando as condições de sobrevivência devido a paralisação das

atividades. A disseminação rápida do vírus e a dependência do fluxo turístico mostraram como estamos diretamente ligados a uma rede e como a interrupção desse fluxo afetou a economia da comunidade analisada neste trabalho – a Ilha do Ferro. O estudo realizado por Brasileiro et al. (2022), nas comunidades do Mosaico do Baixo Rio Negro, no Amazonas, com povos ribeirinhos e indígenas, nos possibilita compreender esses desdobramentos provocados pela pandemia nas camadas populares da sociedade.

A comunidade da Ilha do Ferro insere-se nesse contexto por apresentar em seu arcabouço singularidades e especificidades, sobretudo pela produção de arte popular, tornando-a um dos principais pontos turístico do município de Pão de Açúcar e do estado de Alagoas. A produção de arte popular tem se tornado, conseqüentemente, a principal fonte de renda da comunidade, superando a pesca e a agricultura, atividades anteriormente predominantes. Destaca-se na produção de arte popular as esculturas em madeira morta, produzidas por homens e mulheres que aderiram no passado e mais recentemente a este ofício, e o bordado, especificamente a técnica “boa-noite”, herança do povoamento na comunidade, produzido pelas mulheres que integram a Cooperativa Art-Ilha.

Nesse contexto de incertezas vividas pelo povo brasileiro durante a pandemia, sobretudo durante os anos de 2020/2021, o abre e fecha do comércio, os sucessivos decretos publicados pelos poderes, as celeumas do governo federal que resultou na lentidão da chegada da vacina, foram fatores que deixaram os artistas preocupados. A aquisição de artefatos por lojistas que vendem os objetos de arte em galerias Brasil afora também é uma rotina e, durante o isolamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19 e a diminuição do fluxo turístico, os artistas, seus discípulos e colaboradores sofreram com a baixa nas vendas.

Em matéria da Rede Artesanato Brasil, é destacada a ausência de meios tecnológicos “[...] a indisponibilidade de equipamentos tecnológicos adequados, alinhada à ausência de prática com o mundo digital e baixa qualidade de internet são, ainda, enormes problemas para muitas comunidades” (Rodrigues, 2022).

Nesse contexto, este artigo busca, através da oralidade, externar a compreensão e a preocupação dos principais artistas, colaboradores nesta pesquisa, acerca das expectativas e dos desdobramentos causados pela pandemia. Logo, concordamos com Meihy (1996), para quem, por meio da história oral, movimentos de segmentos culturais e discriminadas, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias.

Dessa forma, este trabalho propõe, inicialmente, uma breve problematização da Ilha do Ferro, destacando sempre a importância da arte popular como economia criativa na vida

daquelas pessoas, repensando o desenvolvimento social, e uma discussão teórica sobre arte popular e seus processos de resistência. Em seguida, trouxemos o olhar dos artistas acerca dos desdobramentos e das transformações provocadas pela pandemia na produção da arte popular e nas suas vidas. Por fim, refletimos sobre as narrativas da existência dessas pessoas, as limitações e as possibilidades que se colocam sobre a comunidade nesses outros tempos ora vividos.

A ILHA DO FERRO E A ARTE POPULAR

Localizada à 15 km da sede do município de Pão de Açúcar – AL, a margem esquerda do Rio São Francisco, Sertão alagoano, a Ilha do Ferro tem aproximadamente 450 habitantes, e o acesso ao povoado geralmente acontece de carro ou moto pela estrada, sem pavimentação, em meio à caatinga ou utilizando os barcos a motor navegando pelas águas Velho Chico.

Além dos ateliês, das casas que prestam o serviço de hospedagem e as pousadas manterem um pequeno acervo da arte produzida na comunidade, o lugar conta com o Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, que preserva a memória de todos os artistas residentes na Ilha do Ferro e nas proximidades.

Mapa 1 – Localização da Ilha do Ferro no município de Pão de Açúcar, AL



Fonte: IBGE. Organização: Francisco R. B. Capistrano e José Lindemberg de s. Lopes (2018). Os autores (2019).

A Ilha do Ferro carrega em sua totalidade uma dinâmica nas atividades de pesca, agricultura, pecuária, com apogeu em determinados momentos, como por exemplo a cultura do pimentão na década de 1970, fomentada por recursos internacionais, geralmente despercebidas e fora das reflexões. Essa visão do passado nos possibilita compreender a realidade de hoje e produzir uma visão mais ampla da dinâmica econômica do local em seus altos e baixos. Percebe-se, como aponta Barros (2017), como algumas atividades desapareceram em decorrência de intervenções no Rio São Francisco, desencadeando novas dinâmicas nas comunidades, introduzindo os processos migratórios para o sudeste brasileiro em busca de melhor qualidade de vida.

A presença da arte na Ilha do Ferro é tão antiga quanto a sua própria formação histórico-geográfica. A chegada dos portugueses, holandeses e outros povos europeus no período da colonização deixaram manifestações, até hoje, mantidas pelas mulheres do povoado. A prática do bordado, nas técnicas de “boa-noite”, “labirinto” e “redendê” são exemplos da presença da arte na vida das pessoas. Além da preservação da arquitetura, inseridos nesse processo como resistência. Nesse sentido, Costa (2018, p. 84) enfatiza que

Isso permitiu, a olhos nus, ao observar o desenho arquitetônico do povoado, um nítido sinal de preservação da arquitetura que guarda a sua memória, sem ser necessário haver a intervenção do IPHAN, para orientar a respeito da preservação e dos cuidados com a arquitetura das fachadas das casas, como acontece em alguns povoamentos do Baixo São Francisco, a exemplo do povoado Entremontes⁴¹, que, pelo fato de o IPHAN ter uma sucursal permanente no município, atua na zona urbana e também nos povoados históricos rurais.

Essa preservação do patrimônio arquitetônico vem acompanhada de diversos saberes e fazeres mantidos até os dias atuais, mesmo diante de algumas transformações ditas modernizadoras, que penetram e descaracterizam essas comunidades. Sobre esse enclave diante dos processos homogeneizadores e exploratório do capitalismo, Hall (2003, p. 248) destaca que “na realidade, o que vem ocorrendo frequentemente ao longo do tempo é a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo”. Em outras palavras, onde o capitalismo chega, com seus interesses claramente definidos, aniquila manifestações culturais preservadas pelo povo.

Posteriormente, ampliando essa teia criativa às margens esquerda de Opará, o mestre Fernando Rodrigues dos Santos cria uma escola de mobiliário com madeira morta oriunda das cheias do Velho Chico e despertou, além de categorias como identidade e espírito de

alagoanidade, um processo de economia criativa que tem se tornado, cada vez mais pujante, gerando emprego e desenvolvimento local. Há vários ateliês e artistas que, inspirados nos ensinamentos, na estética e no design do mestre criam verdadeiras preciosidades e têm colocado o município de Pão de Açúcar como um dos maiores centros de arte popular do Brasil. Em pesquisa realizada anteriormente a pandemia no povoado, Barros destaca o potencial econômico da arte produzida em nível local e nacional. Segundo a pesquisadora:

O artesanato da Ilha do Ferro vem se tornando um elemento importante na dinâmica econômica da localidade e representa alternativa produtiva para muitas famílias residentes no povoado e adjacências. Nesse sentido participa da realidade nacional que aponta o artesanato presente como atividade econômica em 78,6% dos municípios brasileiros, envolvendo cerca de 8,5 milhões de pessoas e movimentando um mercado de 50 bilhões de reais por ano, segundo dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (2014), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (Barros, 2017, p. 398).

A tomada de consciência, pelos nativos, do que tais sabedorias representam, até mesmo economicamente como nos mostra a autora, fez com que, nos últimos anos, essa produção de arte popular se tornasse a principal fonte de renda da Ilha do Ferro. Os meios de venda são os mais variados: o público mais exigente do ponto de vista da busca pela compreensão do potencial criativo se desloca até o povoado, com isso novas formas de possibilidades de serviços se criam a exemplo do surgimento de pousadas, casas para aluguel, serviços de restaurante e de passeio de barco pelo Rio São Francisco.

Nesse sentido, a Ilha do Ferro e a arte popular formam um híbrido que marcam a forte identidade dos ribeirinhos, inserindo-se na rota do turismo alagoano, destacando-se a produção de mobiliários e esculturas, fazendo uso da matéria-prima madeira: representação da fauna e da flora, tipos humanos, ex-votos, cadeiras estilizadas etc. Na matéria-prima tecido, há a produção de bordados e bonecas de pano, além dos poetas, repentistas, vaqueiros que preservam traços identitários da linguagem oral do Sertão sanfranciscano.

Essas tradições são preservadas entre as gerações e, ao tempo em que estão ligadas à padrões ensinados pelos mais velhos, também avançam com outras características influenciadas pelo contexto atual numa relação dialética tradição e modernidade.

A pandemia sob o olhar dos/as artistas populares da Ilha Do Ferro

Abaixo, elencamos algumas questões que foram problematizadas junto aos/as artistas como forma de motivá-los/las a uma reflexão sobre os fazeres artísticos do povoado no período da pandemia.

- Como você se tornou artista, aprendeu com alguém ou se fez sozinho?
- Como estavam as vendas antes da pandemia e como ficaram durante?
- Como você vê o futuro da arte da Ilha do Ferro depois da pandemia?

Utilizando a técnica narrativa, para trazer questões consideradas importantes para a concretude deste texto, transcrevemos o material das entrevistas, após a explicação do termo livre e esclarecido (TCLE) e a assinatura do termo de cessão e de uso da entrevista e de imagem para fins acadêmicos, num exercício ético e respeitoso aos depoentes, como propõe o Manual de história oral, de José Meihy (1996).

Destacamos que, antes de narrarmos o olhar de cada depoente, lançamos mão de fotografias dos/as artistas, como também de sua obra exibida no Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos, Museu de Cultura Popular da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, a fim de ajudar ao leitor na compreensão mais ampla do potencial criativo de cada um/uma, além de importante fonte capaz de promover inquietações e reflexões no tocante à arte popular naquela pequena sociedade.

José Bezerra Sandes

Inicia-se a sessão de entrevistas com um dos principais nomes da arte na comunidade, José Bezerra Sandes, mais conhecido por Vieira, nascido 29 de janeiro de 1954, um artista ímpar e de uma grande contribuição ao potencial criativo local. Trabalhando em seu ateliê no fundo da sua casa, o artista tem como característica a produção de pássaros, cabeças com pássaro na parte superior, homens com pássaro na parte superior e com cadeiras, verdadeiros tronos são esculpidos por suas habilidosas mãos. Suas peças, ricas em detalhes, devido a pintura impecável que faz as representações parecerem reais. O artista carrega em seu fazer uma qualidade muito admirada, os traços e o acabamento do produto final que mantêm nas obras, algo que chama a atenção de turistas, pesquisadores e colecionadores (Figuras 1 e 2).

Dialogando com o artista sobre as transformações provocadas pela pandemia da Covid-19 e sua trajetória na vida artística, Vieira relata que nasceu com o dom de fazer arte, sem participar de oficinas, aprendeu com a prática e com a observação da natureza. “Foi da minha cabeça mesmo, um dom mesmo, aprendi com ninguém, comigo mesmo” disse o artista.

Figura 1 – Fotografia do artista Vieira no seu ateliê



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Figura 2 – Fotografia de peça do artista Vieira exposta no museu da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Acervo: Prof. Jairo Campos



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Apesar de não divulgar seu trabalho em plataformas digitais (*Instagram, Facebook, etc*), o artista tem uma grande média de vendas. Quase todas as peças que faz são por encomendas, segundo ele, isso impede de fazer divulgação de fotos das peças porque já são vendidas antes mesmo de sua produção, o que pode desgostar aos seus clientes. A única plataforma digital utilizada para vendas é o *WhatsApp*. Perguntado sobre as vendas via *internet*, Vieira acredita que as plataformas contribuem muito no processo de divulgação e vendas e que ele precisa encontrar alguém para dar a ele esse suporte.

Nesse período de pandemia, o artista relata que antes as vendas estavam boas, mas depois da paralisação em função do isolamento, o fluxo de pessoas parou, fazendo com que acontecesse algo inusitado: o estoque do material produzido. Porém, esse aumento no estoque não significa que faltaram compradores, ele explica que as peças são vendidas, mas com a paralisação alguns clientes esperaram a normalização para poder pegar. Percebe-se que, dada a grande procura de tudo que o artista produz, dá-lhe uma certa segurança e faz com que ele ainda não tenha aderido à grande rede. Sua esposa Ilda atua como assessora de vendas em interface com ele.

O artista tem a expectativa de melhora do comércio após a pandemia, quando o fluxo de pessoas voltar ao normal, o mercado tende a melhorar. O que preocupa são as incertezas quando o assunto é pandemia, em um país recentemente desgovernado que foi contra as orientações dos órgãos internacionais de saúde. Algumas cidades e estados conseguem reabrir o comércio,

mas não conseguem manter o decaimento da taxa de infecção e fecham novamente, é justamente isso que traz tantas dúvidas. A vacina tem contornado e diminuído os impactos e as coisas parecem estar mais estáveis.

Vieira também deixa claro, durante a entrevista, que apesar de gostar de fazer arte e ser algo lucrativo para o sustento da família, ele não é um escravo daquele trabalho. Nesse aspecto, o não efeito competitivo do capitalismo o isenta da pressa o que, ao nosso ver, faz o diferencial de seu trabalho. O nível do detalhe, o apreço ao delineamento da pintura, o cuidado com o acabamento final. Homem sereno, possuidor de um ritmo próprio, desinteressado do que os outros artistas fazem e de suas estratégias de mercado. Isso faz de Vieira, sem dúvidas, um grande homem, um grande criador.

José Petrônio Farias Dos Anjos

José Petrônio Farias dos Anjos, nasceu no dia 12 de junho de 1967, artista desde os 8 anos de idade, quando começou a fazer carrinhos e esculturas na madeira. Hoje, morando na Ilha do Ferro, antes residia em um assentamento do MST (Movimento Sem Terra, o artista diz que a produção de arte popular se tornou a principal fonte de renda quando conheceu o Mestre Fernando Rodrigues, através do desafio que o inspirou a surpreender o mestre (Figuras 3 e 4).

Figura 3 – Fotografia do artista Petronio em sua residência e ateliê



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Figura 4 – Fotografia de peça do artista Petronio exposta no museu da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Acervo da UNEAL



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

“Tornou-se financeiramente positivo para sobrevivência quando eu trouxe uma madeira para vender a ele”. Segundo Petrônio, o desafio imposto pelo mestre era para fazer algumas peças, então ele fez e acabou vendendo ao próprio Fernando e este já passou adiante. A partir daí a arte popular se transformou em algo fundamental na vida de Petrônio.

Petrônio tem como principal característica a produção de bancos com formatos de animais, trabalhando com peças de grande espessura e está sempre mudando, constantemente, o estilo para não cair na repetição e deixar de agradar aos seus clientes. Uma característica do fazer artístico de Petrônio é realizar poucas intervenções e aproveitar, ao máximo, a anatomia da natureza morta encontrada em suas pesquisas pela caatinga a dentro.

Trabalha no sítio e em sua própria casa, juntamente com seu filho Yang que esculpe peças menores. Mudou-se para a Ilha do Ferro em busca de maior conhecimento e melhor comércio, a família sente-se confortável na comunidade. Hoje o artista é muito conceituado no mundo da arte, vive tranquilamente a cultura do povoado, desfrutando das riquezas do Velho Chico. Além das esculturas em madeira, Petrônio também produz rede de pesca.

Comentando sobre o impacto da pandemia, Petrônio afirma que as vendas tiveram uma baixa relevante, cerca de 85% das vendas diminuiriam. “Durante a pandemia o negócio de arte aqui no meu ateliê foi caindo, caindo, caindo... Eu mesmo, não sei os outros artesãos, que tem mais algum conhecimento (plataformas digitais), mas as vendas de minha arte caíram bastante”, afirma o artesão.

Cheio de incertezas sobre o futuro da humanidade com a pandemia da Covid-19, o artista ver a volta do fluxo de pessoas de uma forma instável, segundo ele, os turistas sofreram economicamente com a paralisação das suas atividades devido à crise sanitária. Assim, ele tem em mente que precisa, primeiro, deixar o país se estabilizar, economicamente, para poder ver, dentro do “novo normal”, como as coisas irão ficar.

Petrônio é um homem muito ligado à natureza, tem em seus espaços de trabalho pequenas estufas onde ele faz plantios de árvores nativas do Sertão que em mão dupla, tanto presenteia seus clientes, como sai fazendo o trabalho de reflorestamento, quando de suas pesquisas pela caatinga a procura de madeira morta para elaboração de suas peças e arremata: “Esse vírus veio para ensinar o homem a cuidar da natureza, essa é a grande verdade”.

Para o artista, o maior problema em relação ao comércio da arte está no envio das peças, sobretudo nesse período de pandemia. A espessura e o peso são fatores que dificultam esse transporte, o valor cobrado pelas transportadoras é quase o equivalente ao valor da peça, com isso, os compradores acabam desistindo da compra. Petrônio explica que para mandar uma caixinha de 50x50 pelo correio custa em torno de 150/200 reais, mais caro que a própria peça,

não compensa. Segundo ele, o formato de envio através de transporte van, em harmonia com outros ateliês, tem barateado um pouco, mas ainda não é o ideal.

Questionado sobre o futuro da arte na Ilha do Ferro ele afirma: “Quando as coisas voltarem ao normal, se voltarem, além das vendas presenciais, meus filhos terão que me ajudar através de vendas pela internet. Ficar fora disso é perder oportunidade de vendas”.

Aberaldo Sandes Lima

Aberaldo Sandes Lima, nascido em 03 de outubro de 1960, outro artista igualmente renomado da comunidade, tem como característica a produção de bancos, mesas, esculturas (animais, tipos humanos, santos, personalidades do Nordeste); segundo o mestre, esse dom de fazer arte vem de sua família. Nasceu e criou-se ouvindo Costinha, poeta da paz, seu pai, fazendo versos e tocando a sua sanfona (Figuras 5 e 6).

Figura 5 – Fotografia do artista Aberaldo no seu ateliê



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Figura 6 – Fotografia de peça do artista Aberaldo exposta no museu da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Acervo da UNEAL



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Mantendo as particularidades naturais, suas peças são bem singulares e acompanham a anatomia da madeira. Aberaldo é casado com Vana, artista e bordadeira, dona da primeira pousada da Ilha do Ferro construída no quintal de casa, numa grande conjugação casa, ateliê, pousada, sendo tudo arborizado e decorado com as artes do marido.

O protagonismo de Vana de abrir a pousada e facilitar o fluxo/estada de pessoas de todos os níveis no povoado tem gerado bons retornos econômicos para a família e despertou a atenção do apresentador Luciano Huck que veio produzir o seu programa de 20 anos do Caldeirão no povoado e se hospedou no empreendimento da família.

O artista Aberaldo, depois da gravação do programa, antes da pandemia, ao ver as suas peças ilustrando ambientação de novelas, programas da Rede Globo e de ver produção de documentários e catálogos de arte com suas obras, tinha esperança de dias melhores para a sua arte e para o povoado em 2020. “Eu achava que ia ser um dos melhores anos aqui na Ilha do Ferro em 2020, porque veio grandes artistas, vinha dando tudo certo, mas depois aconteceu isso e caiu muito as vendas, as pessoas não estavam vindo pra cá. Chegou um momento que nós ficamos assustados e fechamos literalmente as portas”. Afirmou durante a entrevista.

Sobre o futuro da arte, o mestre diz que no final de 2020 melhorou um pouco, principalmente, com a ajuda das plataformas digitais que ajudaram nesse processo de vendas. A vacina, segundo ele, levantou a autoestima do povo e trouxe sentimento de esperança: “Daqui pra (sic) frente, se der tudo certo, com essas vacinas vai ser muito bom pra (sic) todos nós daqui do povoado. Deus queira que tudo mude”.

Em um diálogo sobre a cultura artística na comunidade que aos poucos vem perdendo traços de sua singularidade, ele comentou sobre as transformações, por exemplo, das fachadas das casas e sobre a importância do patrimônio arquitetônico de seu lugar:

Se mudarem tudo, perdemos muito porque a cidade de Pão de Açúcar era quase toda com fachadas lindas, de época, a modernidade acabou com a cidade, aqui também na Ilha do Ferro, muitas acabaram, diferentemente da cidade de Piranhas, aqui do lado, que atrai muita gente só por causa da preservação das platibandas (Lima, 2020).

Maria Eutália Santos

Maria Eutália Santos, nascida em 04 de agosto de 1954, natural da Ilha do Ferro, é atualmente a bordadeira mais experiente da Cooperativa Art-Ilha, aprendeu aos 11 anos de idade com sua mãe Celina Dias Sandes. Eutália relata o amor pelo que faz, a alegria de todas as tardes ir à cooperativa trabalhar, prostrar com as outras cooperadas e as expectativas sobre o bordado durante a pandemia. Ela acreditava que ia parar as vendas do bordado, em detrimento da crise vivida pela pandemia e afirma “No início eu achei que ia parar de vender, no começo da pandemia, só que, além de não parar as vendas e a produção em 2020, o ano de 2021 foi de

muita demanda por parte da cooperativa, superando o ano anterior. Como estava proibido o contato das pessoas, cada bordadeira ficou trabalhando em casa, fazendo o que a gente já sabe, e as demandas não pararam” (Figuras 7 e 8).

Figura 7 – Fotografia da artista Eutália bordando em sua residência.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Figura 8 – Fotografia dos pontos de bordado da Art-Ilha exposto no museu da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Acervo da UNEAL.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

A artista enfatiza a utilização das plataformas digitais nas vendas do bordado, a maioria das peças são compradas por encomenda pela internet, mantendo a fonte de renda e a rotina das bordadeiras. Além de ajudar na renda, o bordado é uma terapia para Eutália, segundo a bordadeira “É um lazer, e é uma forma da gente não ficar pensando besteira”. Sorri!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa ora desenvolvida e da conseqüente relação harmoniosa construída entre pesquisadores/artistas, destacamos a importância da produção de arte popular na vida dos ribeirinhos que residem na comunidade da Ilha do Ferro, pelo seu potencial enquanto economia criativa, gerando autonomia para esses artistas que detêm a sua força de trabalho e o seu pertencimento a manifestações de cultura popular que resistem. Por esses motivos, os impactos provocados pela pandemia da Covid-19 são perceptíveis e merecem toda atenção das instituições públicas, do poder público e dos/as pesquisadores/as, tendo em vista a paralisação

do fluxo turístico e da comercialização das obras produzidas, como relata os/a artistas colaboradores nesta pesquisa.

A presença de personagens reconhecidos nacionalmente na comunidade cria expectativas nos moradores. Percebe-se na fala do mestre Aberaldo a esperança de aumentar o fluxo turístico e conseqüentemente as vendas, após a vinda do apresentador Luciano Hulk. No entanto, a pandemia pega de surpresa paralisando atividades e quebrando qualquer expectativa no que tange ao fortalecimento dessa cadeia criativa presente na Ilha do Ferro. Sobretudo, compreendendo as dificuldades enfrentadas para se inserir no mercado digital que se tornara tão importante no período de distanciamento social.

Dentre os inúmeros problemas de infraestrutura e falta de assistência por parte de órgãos competentes, percebe-se a dificuldade em fazer entrega das peças vendidas, sobretudo nas falas dos artistas Vieira e Petrônio, quando relatam aguardar o fim da pandemia para que os compradores retornem a comunidade para pegar as encomendas. Esse serviço, apesar de haver um transporte particular responsável por fazer essa locomoção, o mesmo tem estabelecido um percurso pouco flexível, inviabilizando a entrega em determinados estados, além da dificuldade de enviar peças pequenas dada as proporções do custo. Assim, faz necessário uma política pública, municipal ou estadual, que realize esse serviço, facilitando o custo e a comercialização das obras.

Um outro fator importante que compreendemos nos relatos é a facilidade de comercialização quando a produção é coletiva, enquanto os artistas que produzem individualmente nos seus ateliês sentem o impacto na comercialização, alguns praticamente paralisando, as mulheres que produzem na cooperativa sobressaem nas vendas pela *internet*. Isso mostra a necessidade e importância de uma cooperativa/associação entre os artistas que produzem a arte em madeira, facilitando serviços como a locomoção e fortalecendo a luta por políticas públicas que valorizem a produção de arte popular, preservem o patrimônio arquitetônico e desenvolvam as condições da infraestrutura, proporcionando o bem-estar dos moradores e dos visitantes.

A pandemia do Covid chegou como um desafio para os mais experientes e novos artesãos que surgem nesse contexto, entretanto, mesmo com tamanhas dificuldades e falta de assistência, os artistas mantêm a produção e as manifestações como processo de resistência, com a ajuda de Instituições Públicas como a Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, servindo com o Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos, que preserva a memória desse povo através da arte, apesar das transformações que estão se introduzindo nesse contexto passarem despercebidas.

A arte vai para além do potencial econômico, servindo como terapia e expressando um sentimento de pertencimento àquela produção única. Eutália confirma isso quando nos diz que “é um lazer, e é uma forma da gente não ficar pensando besteira”. Dessa forma, a produção de arte popular na Ilha do Ferro enfrenta diferentes obstáculos que são superados pelo forte pertencimento e esperança naquilo que produz.

REFERÊNCIAS

BARROS, R. R. Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional. **Latitude**, [s.l.], v. 12, n. 2, p. 385-420, 2017.

BRASILEIRO, I. *et al.* **Turismo, Sustentabilidade e COVID-19: entre incertezas e esperanças**. Brasília, DF: LETS; UnB, 2022.

COSTA, J. J. C. **Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida**. 2019. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE. Coronavirus Rosource Center. Brazil. **Johns Hopkins University & Medicine**, Baltimore, [202?]. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/region/brazil>. Acesso em: 6 jun. 2022.

MEIHY, J. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

RODRIGUES, A. Como a pandemia de Covid-19 afetou o artesanato brasileiro. **Rede Artesanato Brasil**, [s.l.], 2021. Disponível em: <https://redeartesanatobrasil.com.br/2021/07/16/pandemia-da-covid-19/>. Acesso: 20 set. 2022.